



Caravana agroecológica e cultural: de Mariana ao Vale do Jequitinhonha – MG

Agroecological and cultural caravan: from Mariana to Vale do Jequitinhonha – MG

BARBOSA, Sara Gonçalves¹; SILVEIRA, Maysa da Mata²; CARDOSO, Irene Maria³

1 Universidade Federal de Viçosa, sarabarbosa88@gmail.com 2 Bolsista técnica ECOAr/CNPq, maysa.tsb@gmail.com 3 Universidade Federal de Viçosa, irene@ufv.br

Resumo: Durante a Caravana conhecemos experiências de agroecologia e agricultura orgânica. Evidenciamos e discutimos a forte pressão exercida pelas mineradoras e latifundiários, e em contraposição, a resistência dos grupos no campo e na cidade. Os territórios são marcados por conflitos sociais, somados à má implementação das políticas públicas que colocam em risco a permanência desses grupos em suas terras, causam a perda da agrobiodiversidade e dos saberes herdados dos ancestrais.

Palavras-Chave: Agroecologia; agricultura orgânica; comunidades tradicionais; conflitos sociais.

Abstract: During the Caravan we encountered experiences in agroecology and organic agriculture. We saw and discussed the pressures exercised by mining companies and large landholders in juxtaposition to the resistance of rural and urban groups. The observed territories are marked by social conflicts, caused by the poor implementation of public policies, which place at risk the permanence of these groups on their lands, and cause the loss of agrobiodiversity and inherited ancestral knowledge.

Keywords: Agroecology; Organic agriculture; traditional communities; social conflicts.

Contexto

O projeto Rede de Núcleos de Agroecologia (R-NEAs) Comboio Sudeste de Agroecologia prevê a realização de quatro Caravanas Agroecológicas e Culturais, uma em cada estado da região. A primeira foi a Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, que ocorreu entre os dias 17 e 22 de novembro de 2014. Realizada em parceria com a Articulação Mineira de Agroecologia, com apoio da Embrapa através do Projeto de Inovação/MDA e de vários NEA's das Universidades e Institutos Federais de Educação.

Foram organizadas rotas que saíram de Minas Gerais e uma de cada estado do sudeste que visitaram experiências pelo caminho, até se encontrarem em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha. Relataremos a rota que inicia em Mariana-MG, da qual participaram estudantes dos NEA's, estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa, professoras/es, pesquisadoras/es, técnicas/as, e agricultoras/es que trabalham com agroecologia.

As Caravanas Agroecológicas do Sudeste têm como objetivos promover a troca de saberes; permitir a vivência das diferentes realidades, dentre elas o reconhecimento das várias manifestações culturais; propiciar a reflexão sobre os conflitos relacionados ao território, compreendido como espaço físico, sociocultural e econômico; visitar experiências que contribuam para a construção da agroecologia e produção orgânica e; realizar diálogos com a sociedade a partir do questionamento



proposto no III Encontro Nacional de Agroecologia: Por que interessa à sociedade apoiar a agroecologia?

Descrição da experiência

A primeira visita é em Mariana, cidade histórica, referência na produção de minério de ferro. Vamos até o distrito de Paracatu de Baixo, onde conhecemos uma experiência de produção orgânica de um descendente da comunidade pomerana do Espírito Santo. Ouvimos a história desse senhor e os motivos que o fizeram abandonar a cidade grande para viver no campo; o câncer que vitimou sua esposa, incentivando-o a pesquisar sobre a relação entre o consumo de agrotóxicos e a incidência de doenças. Assim, comprou a terra onde vive e cultiva alimentos orgânicos desde 1998, propriedade que possui 22 hectares, sendo 12 de mata preservada.

Ele cita alguns gargalos da agricultura na região, apontando o escoamento da produção como a maior dificuldade encontrada pelos agricultores, que ainda convivem com os malefícios e degradação da atividade mineradora.

Durante a caminhada pela propriedade, conversamos a respeito do cultivo orgânico e das práticas sustentáveis utilizadas na horta como: uso de caldas, biofertilizantes, minhocário e a capina utilizada na cobertura dos canteiros.

Já comercializou seus produtos numa feira orgânica em Belo Horizonte e forneceu alimentos para as escolas da região, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). No entanto, deixou de acessar esse programa, que garantia o escoamento da sua produção, por dificuldades com as exigências das escolas e pela falta de mão de obra. Ressalta também os impasses criados pela legislação sanitária que coloca o pequeno produtor no mesmo patamar de cobranças das grandes empresas.

Seguimos em Comboio para Ribeirão das Neves, onde visitamos uma experiência de agricultura peri-urbana. Numa área de aproximadamente mil metros quadrados, um casal de idosos e a mãe de um deles cultivam hortaliças orgânicas que são comercializadas na vizinhança. As mulheres são responsáveis pelo cultivo de plantas medicinais e frutíferas, utilizadas para doces, sucos e chás, além das plantas ornamentais.

Após trabalhar durante muito tempo como agricultor no sul de Minas, e ter que seguir as ordens do patrão, esse senhor diz que hoje produz de maneira que não imaginava no passado. Com a utilização de algumas técnicas simples conseguiu vencer as adversidades do solo e do clima, e hoje já produz suas próprias sementes orgânicas de alface. A iniciativa tem o apoio da AMAU (Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana) e da Rede de Intercâmbios de Belo Horizonte.

Evidenciamos ali a pressão da especulação imobiliária, com a chegada de empreendimentos imobiliários próximos à propriedade, e também de uma fábrica de cerveja que visa explorar uma mina de água local. Outra coisa que percebemos nessa visita foi o conflito de gênero, por parte do marido que desconsidera o papel das mulheres nos trabalhos realizados na propriedade.



Continuamos nossa caravana, chegando a Sete Lagoas, onde visitamos a área experimental da Embrapa, com cultivo de leguminosas para a adubação verde. De lá seguimos para a Horta Comunitária do Vapabuçu, uma das sete hortas urbanas apoiadas pela Prefeitura de Sete Lagoas. O projeto, que já existe há mais de 30 anos, tem como proposta apoiar a população de baixa renda, através da doação de quadras para a produção de alimentos e geração de renda. São mais de 300 famílias envolvidas na produção de diversos alimentos sem a utilização de agrotóxicos.

Seguimos até Presidente Kubitscheck, para conhecer uma comunidade quilombola de apanhadores de sempre-vivas. A Comunidade Raízes possui uma área de aproximadamente 150 hectares e enfrenta grandes problemas. O plantio em larga escala de eucalipto pressiona a área onde vive a comunidade, secando as nascentes, dificultando o plantio de alimentos e a coleta das sempre vivas, que são utilizadas para a confecção de artesanatos e bijuterias.

O Parque Nacional das Sempre Vivas, também impõe restrições à coleta das flores. Antigamente os moradores da comunidade colocavam fogo nos campos, que eram comunais, para que as sempre vivas brotassem, prática, atualmente proibida. A comunidade passa por processo de reconhecimento pela Fundação Palmares, e a delimitação de seu território configura-se como conflito.

Algumas pessoas da comunidade contaram a história de como chegaram lá há muito tempo atrás, numa terra sem dono. Começaram a colher sempre vivas para comercializarem, pois estas possuíam um bom valor no mercado, mas logo os fazendeiros foram restringindo a área de colheita. Só recentemente fizeram um curso de artesanato com sempre vivas, conseguindo então, agregar valor à produção, embora hoje precisem comprar a matéria prima.

Após alimentarmos em uma mesa farta de culinária típica da região, preparada pela comunidade, ouvimos e nos emocionamos com histórias de lutas de quilombos, e uma apresentação de violeiros da comunidade Raiz.

Já em Araçuaí as rotas se integram, no espaço da Cáritas Diocesana, onde realizaram Instalações Artístico Pedagógicas, nas quais cada rota pôde demonstrar ludicamente o que vivenciou durante a Caravana. Ainda participamos de um seminário que contou com diversas representações da sociedade e do poder público envolvidos, uma festa numa comunidade quilombola com vários artistas populares, fechando com um ato público contra a utilização de agrotóxicos no mercado de Araçuaí.

Resultados

Os conflitos evidenciados nos mostram a oposição entre diferentes projetos de desenvolvimento. Se por um lado vimos um cenário de destruição dos recursos naturais e da cultura ancestral, de outro vivenciamos práticas aliadas à dinâmica da natureza e a herança de resistência e luta pelo território.



A caravana como instrumento pedagógico e de reconhecimento das experiências de agroecologia e produção orgânica permite o diálogo entre os saberes acadêmico e populares, mostrando-se potencial para a integração entre educação, extensão e pesquisa a partir da análise de distintas realidades e das disputas pelos territórios.

Essa experiência nos ensinou o valor da integração entre as pessoas, colocando em primeiro lugar o objetivo comum de manterem vivas as práticas tradicionais de agricultura e das tradições e saberes populares.

Agradecimentos

Comboio Agroecológico do Sudeste e ECOAr (CNPq/MDA/MCTI/MAPA/MPA/MEC edital 83/2013 e 81/2013); ABA (Associação Brasileira de Agroecologia); ANA (articulação Nacional de Agroecologia), AMA (Articulação Mineira de Agroecologia), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Devin Mounts, pela tradução para o inglês. E todas as agricultoras e agricultores que abriram suas porteiras e portas, seus corações e mentes para nos receber com todo o carinho e a típica hospitalidade mineira!